

BEESCATS SOCCER BOYS: A LUTA CONTRA A HOMOFOBIA ENTRA EM CAMPO

Carlos Guilherme Vogel¹

Resumo: O presente artigo faz uma reflexão sobre a relação entre futebol e homofobia, a partir do surgimento do primeiro time gay de futebol do Rio de Janeiro (RJ), o *BeesCats Soccer Boys*. O trabalho pretende analisar como se constituiu na capital carioca o movimento do futebol gay e como este movimento tem influenciado na luta contra a homofobia no país, tomando como ponto de partida o documentário “Soccer Boys”, dirigido por Carlos Guilherme Vogel, bem como os estudos relacionados à Sociologia do Esporte e à Comunicação, que evidenciam a importância do futebol para a compreensão da sociedade brasileira.
Palavras-chave: Futebol, homofobia, Rio de Janeiro, BeesCats Soccer Boys.

BeesCats Soccer Boys: the match against homophobia begins

Abstract: This paper reflects on the relationship between football and homophobia, from the emergence of the first gay soccer team in Rio de Janeiro (RJ), BeesCats Soccer Boys. The work intends to analyze how the gay soccer movement was constituted in the city of Rio de Janeiro and how this movement has influenced the fight against homophobia in the country, using as a starting point the documentary “Soccer Boys”, directed by Carlos Guilherme Vogel, as well as the studies related to the Sociology of Sport and to the Social Communication, which show the importance of football for the understanding of Brazilian society.
Keywords: Soccer, homophobia, Rio de Janeiro, BeesCats Soccer Boys.

¹ Doutorando no Curso de Comunicação do PPGCOM-UERJ, e-mail: carlosguilhermevogel@yahoo.com.br; Diretor e Roteirista do documentário *Soccer Boys*.

Introdução

No ano de 2017 surge no Rio de Janeiro um time de futebol formado por homens homossexuais, o *BeesCats Soccer Boys*. O objetivo era o de encontrar um espaço para que os amantes do esporte pudessem participar das tradicionais peladas em um ambiente livre de preconceitos, promovendo o encontro de atletas amadores que reuniam ao menos duas características em comum: o fato de serem homens gays e apaixonados por futebol.

O primeiro encontro reuniu em torno de 15 atletas amadores, que se comprometeram a divulgar a ideia para amigos gays e o encontro seguinte reuniu o dobro de pessoas. De acordo com a fala de André Machado, o fundador dos *BeesCats*, no documentário *Soccer Boys*, que conta a história do time, “o surgimento do *BeesCats* foi de forma muito despretensiosa. A gente queria reunir pra jogar futebol, juntar os amigos pra brincar, sem cobranças, sem xingamentos, uma coisa leve” (informação verbal)².

Figura 1 – *BeesCats Soccer Boys*: um novo time entra em campo no campeonato contra o preconceito



Fonte: material de divulgação do filme *Soccer Boys*

Esse movimento despretensioso transformou as noites de sexta-feira do “Só 5 Futebol sem parar”, um ginásio de esportes localizado nas dependências do Clube Guanabara, no bairro de Botafogo, zona sul do Rio de Janeiro. O espaço,

² Documentário *Soccer Boys*, disponível em < <https://youtu.be/Zi7IwZrcMvI>>.

frequentado principalmente por grupo de homens que participavam das tradicionais “peladas” entre amigos, se tornou ponto de encontro de homens gays interessados em jogar futebol e socializar entre amigos. Durante os anos de 2017 a 2019, o público gay foi frequentador assíduo de um espaço que anteriormente era frequentado aparentemente apenas por homens heterossexuais. Digo aparentemente pois muitos atletas que começaram a jogar no *BeesCats* já haviam participado de peladas neste espaço, mas sem poder expressar questões relacionadas a sua homossexualidade, principalmente por conta do preconceito supostamente arraigado no universo masculino ligado ao futebol.

O presente trabalho, dessa forma, se propõe a uma reflexão sobre a relação entre futebol e homofobia, a partir da história do primeiro time gay de futebol do Rio de Janeiro (RJ), o *BeesCats Soccer Boys*. O trabalho pretende analisar como se constituiu na capital carioca o movimento do futebol gay e como este movimento tem influenciado na luta contra a homofobia no país, a partir do documentário *Soccer Boys* e de estudos relacionados ao papel do futebol na sociedade brasileira.

O futebol na sociedade brasileira

As falas iniciais dos protagonistas do documentário Soccer Boys, os jogadores André Machado e Douglas Braga, revelam a importância que o futebol assume na formação dos brasileiros, seja relacionado à socialização desde a infância, seja com relação aos sonhos dos adolescentes que veem no esporte um caminho para a vida profissional.

André revela como o futebol fez parte da sua infância, na capital paulista: “eu, quando era pequeno, morava em um condomínio de prédios, eram 5 torres de 22 andares, com duas quadras, então imagina o número de adolescentes e crianças que tinha lá. Eu passava o dia jogando bola”. Douglas, por sua vez, fala sobre o sonho de seguir uma carreira profissional no esporte: “eu programei a minha vida em relação a isso, treinava muito cedo, com 10 anos eu já ia para a escolinha pra treinar sozinho, com 14 anos eu saí de casa para morar longe da família porque era o que eu tinha que fazer...” (informações verbais extraídas do documentário já citado).

Falar que o Brasil é o país do futebol pode parecer lugar comum, mas de fato pouco fenômenos da nossa cultura são capazes de explicar tão bem nosso país. Helal (2011) relata como a crença de que “Somos o país do futebol” foi construída na década de 1930, a partir de inflexões na definição do nacional:

O “país do futebol” foi uma “construção social” realizada por jornalistas e intelectuais em um momento de consolidação do “estado-nação”, acompanhada por formulações acadêmicas sobre a sociedade. Foi, de fato, a partir dos anos 1930 que se apresentaram novas formas de conceituar o país (HELAL, 2011, p. 29).

A fala de Gastaldo *et al.* (2005) complementa a informação, afirmando que “o futebol é um fato social da maior importância na cultura brasileira contemporânea, estando intimamente ligado ao que seria uma identidade brasileira” (GASTALDO *et al.*, 2005, p. 1.).

Apesar de tamanha importância do futebol para o brasileiro, no Brasil os estudos ligados à sociologia do esporte são recentes no campo das ciências sociais. Há 30 anos, quando publicou o livro *O que é Sociologia do Esporte*, Ronaldo Helal fez apontamentos com relação ao descaso com que as ciências sociais tratavam o esporte:

Mas se o esporte é um fato social tão visível da nossa civilização, ele é também, e paradoxalmente, um dos fenômenos menos estudados do nosso tempo. Muito pouco se tem escrito sobre o papel e o significado do esporte nas sociedades modernas contemporâneas (HELAL, 1990, p.14).

À época, de acordo com o autor, mesmo sendo o futebol um dos pilares da identidade da nação brasileira, a sociologia do esporte era praticamente inexistente. Parte dessa ausência de estudos pode estar ligada a um certo descaso ou preconceito da academia com relação aos esportes de massa:

A Sociologia do Esporte é uma disciplina relativamente recente no Brasil. Em seu início ela teve que superar o ceticismo de parte da academia que entedia que o esporte de massa – principalmente o futebol – simplesmente como “ópio do povo” ou como um tema menor das ciências sociais (HELAL; COSTA, 2020, p.26).

O autor que deu o pontapé inicial para os estudos relacionados ao esporte na sociedade brasileira, mais precisamente o futebol, foi o antropólogo Roberto DaMatta. Para o autor, o futebol é um veículo que possibilita dramatizações sobre

a sociedade brasileira. “O futebol praticado, vivido, discutido e teorizado no Brasil seria um modo específico entre tantos outros, pelo qual a sociedade brasileira fala, apresenta-se, revela-se, deixando-se, portanto, descobrir” (DAMATTA, 1982, p.21).

O futebol ganhou popularidade no Brasil ao longo do tempo, e já no início dos anos 1930, a prática do esporte se espalhou pelos subúrbios e pelas classes sociais mais desfavorecidas. Jogadores que não pertenciam às elites começaram a integrar as equipes dos clubes brasileiros. Com o envolvimento de jogadores de diversas classes sociais, a questão racial que já se observava no futebol, obviamente pesou muito nas discussões que tentavam definir o que seria o elemento “nacional”. Nos debates ocorridos à época, de acordo com Mostaro, Helal e Amaro (2015), veio à tona como algo positivo a ideia de se tratar a miscigenação como esse elemento central. O futebol surge então como o exemplo mais potente dessa ideologia:

Pela primeira vez, uma expressão popular intensamente vivida pelos brasileiros via na miscigenação racial um suposto sucesso da “nação”. A Copa de 1938 foi emblemática nesta construção. Após a Copa do Mundo de 1958, contudo, observamos que os principais jogadores da seleção, Garrincha e Pelé, ajudaram a moldar este estilo, atuando como exemplos evidentes desta miscigenação como algo positivo sob a ótica esportiva, o que contribuiu para que se consolidasse de maneira intensa tal ideologia sobre o que representaria o futebol-arte e, conseqüentemente, o que seria nossa identidade (MOSTARO, HELAL e AMARO, 2015, p. 281-282).

Esta reflexão também é realizada por Regina Abreu (2000), quando a autora afirma que, a partir do momento em que começa a se difundir um pensamento centrado na noção de cultura, ao invés de raça, passa-se a afirmar como positivas características que antes era vistas negativamente:

A ideia da miscigenação deixou de ser usada para atestar nossa incapacidade de civilização para se transformar no seu contrário. A ideia de uma cultura miscigenada passou a ser vista como o principal traço de uma identidade nacional. (ABREU, 2000, p.183).

A miscigenação racial, antes vista como negativa, torna-se positiva a partir do exemplo do futebol. A paixão pelo esporte, no país, é um elemento de identificação cultural potente. Pode-se afirmar que objetivo de formação de uma

identidade brasileira, a partir do futebol, prevista nos anos 1930, surtiu efeito e hoje ele é um elemento de conexão entre esses diversos “Brasis”.

Hoje, ao menos com relação ao futebol, podemos afirmar que existe um elo entre brasileiros do sul e do norte, brancos e negros, torcedores e atletas. Mas será que esse espaço é realmente aberto a todos e trata a todos de forma respeitosa e igualitária? Episódios de racismo, machismo e homofobia no futebol são comuns nas notícias dos grandes veículos de comunicação, o que é capaz de evidenciar essa questão. Apesar de jogadores negros serem referências constantes no futebol brasileiro, ainda é comum se ouvir gritos racistas nas torcidas.

O futebol feminino não tem a mesma visibilidade do masculino, fato que fica evidenciado quando somente em 2019 é que a Copa do Mundo de Futebol Feminino é exibida pela primeira vez na principal emissora de televisão aberta do país, estando o campeonato já em sua oitava edição (MEIO & MENSAGEM, 2019). Para Leda Costa e Ronaldo Helal (2020), competições como a Copa América, os jogos Pan-Americanos e a Libertadores da América, evidenciam importantes mudanças com relação à estruturação do futebol feminino na América Latina. Os autores sinalizam, porém, o descaso da mídia com relação à modalidade feminina, que é praticamente silenciada, mantendo-se o foco nas competições masculinas (COSTA; HELAL, 2020).

Se negros e mulheres, mesmo tendo conquistado espaço considerável no futebol, enfrentam situações difíceis, a presença dos homossexuais em campo ainda precisa vencer muitas barreiras:

Se a participação da mulher encontra resistência no futebol, a do homossexual se mostra ainda uma espécie de tabu que está longe de ser quebrado, sendo válido ressaltar que não se trata de um problema exclusivo do futebol, sendo comum aos esportes de um modo geral (COSTA; VOGEL, 2019, p.13).

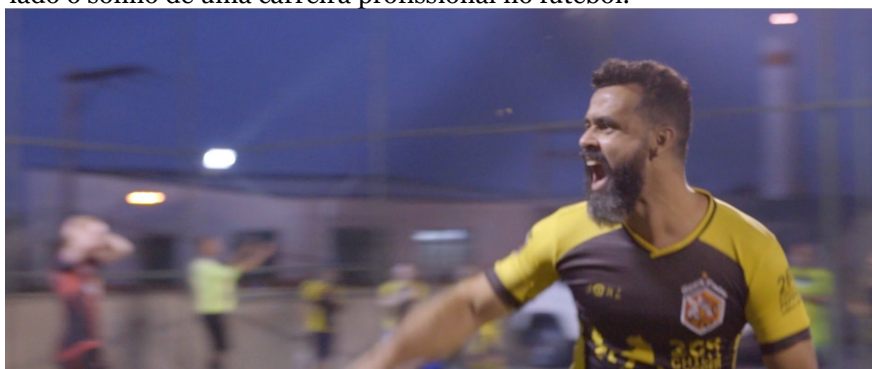
O espaço para homens gays, no futebol profissional, é praticamente inexistente. Nas torcidas parece não haver espaço para torcedores homossexuais:

Ao que parece, o que incomoda os torcedores é o risco de ter, no time que os representa, um jogador cuja masculinidade seja posta em xeque. É válido lembrar que na torcida de futebol são frequentes as expressões de homofobia, associadas a uma série de preconceitos contra as mulheres. Essas expressões se fazem presentes nos cânticos, nos gestuais, nas ofensas direcionadas à torcida ou jogador adversário (COSTA; VOGEL, 2019, p.13).

É certo que alguns movimentos já começam a ser feitos, mas ainda estão longe de transformar essa realidade nos estádios. Maurício Rodrigues Pinto (2017) cita alguns exemplos desses movimentos, como o manifesto realizado pelo Corinthians aos seus torcedores, no ano de 2014, para que abolissem os gritos de “bicha” com o objetivo de ofender jogadores de times adversários e as punições dadas pela FIFA (Federação Internacional de Futebol) para a CBF (Confederação Brasileira de Futebol) em jogos da seleção brasileira, nos anos de 2016 e 2017, em função das manifestações homofóbicas da torcida nas Eliminatórias da Copa do Mundo de 2018.

E se nas arquibancadas a presença do homossexual ainda é rejeitada, dentro de campo essa situação se mostra muito mais complexa. Essa situação fica evidenciada na fala de um dos atletas entrevistados no documentário *Soccer Boys* (2018). Douglas Braga, jogador do *BeesCats*, tentou carreira no futebol profissional, mas em determinado momento da sua vida, precisou deixar o sonho de lado. Braga treinou em categorias de base desde a adolescência, chegando a jogar por um tempo no Botafogo. Por conta da sua sexualidade, desistiu da carreira na qual investiu ao longo de vários anos, por entender não haver espaço para homens gays no futebol.

Figura 2 – Douglas Braga, atleta do *BeesCats*: o relato de quem deixou de lado o sonho de uma carreira profissional no futebol.



Fonte: frame do filme “Soccer Boys”

Em um trecho do filme, Douglas fala sobre a necessidade de assumir uma identidade masculina heterossexual que implicava, entre outras coisas, se portar como homofóbico:

Hoje eu entendo que não tive a escolha de não me assumir, porque tinha muita coisa em jogo, muito sonho em jogo. (...) Isso

eu não falo com nenhum tipo de orgulho, mas durante um tempo você passa a ser o agressor, você é tão moldado para ser esse personagem, você precisa dessa identidade falsa com tanta veemência, que de repente você é o cara que agride. (...) Se entrasse um cara mais afeminado, o cara nem precisava ser gay, um cara que fosse um pouco mais sensível para as questões, só isso, eu era o cara que tinha que implicar com ele, justamente pra me defender, a lei de matar um leão por dia. E hoje eu vejo como isso é ruim, como isso é cruel. Pior que sofrer a homofobia é, nesse caso, você ser o homofóbico (informação verbal extraída do documentário citado).

Nos últimos anos, manifestações contra a homofobia nos estádios tem crescido, com algumas equipes participando de manifestos e torcidas se reposicionando e abolindo cantos homofóbicos e preconceituosos. No entanto, ainda há muita resistência contra esse tipo de movimento:

Ainda que o debate sobre a homofobia e o machismo tenha crescido, da mesma forma que a visibilidade sobre outras performatividades e discursos relacionados ao futebol no Brasil, é fato que a hostilidade às mudanças e à visibilidade dessas ações segue presente e ainda são impostas grandes resistências e dificuldades à participação de mulheres e pessoas LGBT (PINTO, 2017, p.17).

Na cidade do Rio de Janeiro, o movimento contra a homofobia no futebol ganha um importante aliado no ano de 2017, quando é criado o primeiro time gay da cidade. Neste contexto, espaços da cidade muito conectados ao futebol e à masculinidade começam a ser explorados de outra forma, onde a luta contra a homofobia ganha destaque.

Luta contra a homofobia

A ocupação de determinados espaços pelos homossexuais é, nos dias de hoje, muitas vezes encarada como uma vitória na luta por uma sociedade livre de preconceitos. Há evidências históricas, porém, de que tal sociedade já existiu em terras brasileiras em outros tempos.

Entre muitas tribos que ocupavam o território do atual Brasil, várias modalidades de comportamentos homoeróticos aparecem como habituais e, embora pudessem ter significado algum tipo de insulto com referência a uma desvalorização dos comportamentos passivos/ femininos, não há registros de perseguições ou castigos a essas práticas que a configurem como um tipo de comportamento estigmatizante ou de repulsa (FIGARI, 2007, p.40-41).

O paraíso de uma sociedade livre de preconceitos findou com a chegada dos colonizadores europeus. Porém, mesmo sob domínio português, no período colonial, evidências de comportamentos homossexuais não era incomuns no território nacional, bem como na cidade do Rio de Janeiro. Carlos Figari (2007) cita alguns exemplos da vida gay carioca no século XVII, que mesmo sob os olhos atentos da Inquisição, demarcava seu espaço e desafiava as leis do Santo Ofício. Entre eles, Luís Delgado e seu jovem amante, José Gonçalves, que segundo o autor viveram por um tempo como casal, tendo sido o mais jovem bastante ousado em sua forma de vestir: “Um estudante que particularmente escandalizou os cariocas entre os anos de 1683 e 1686 foi o jovem José Gonçalves, estudante de latim, natural de Lisboa e terceiro amante do conhecido fanchono Luís Delgado” (FIGARI, 2007, p.86).

Apesar das perseguições aos homossexuais, cujo comportamento era considerado pecado pela Igreja Católica, a qual combatia com veemência os atos de sodomia, eram especialmente os espaços institucionais religiosos, como os conventos e seminários os lugares preferenciais de intercâmbio homoerótico (FIGARI, 2007).

Outro jesuíta (...) que passou pelo Colégio do Rio de Janeiro, irreverente e afeto ao travestismo, era o Irmão Manoel Pires que em sua anterior estada no Colégio de Santos fugia pelas noites disfarçado com a cabeleira que tirava da imagem do Senhor dos Passos (FIGARI, 2007, p.86).

As festas oficiais e populares no Rio de Janeiro do Brasil Colônia eram também oportunidades onde se permitiam determinados comportamentos não admitidos no cotidiano, permitindo àqueles que se sentiam reprimidos externar seus desejos de subversão da ordem, “oportunidade de os fanchonos e somitigos da colônia representarem uma particular interpretação do feminino sem sofrer a rígida pena imposta aos que se atreviam a desafiar os cânones dos gêneros” (FIGARI, 2007, p.94).

Percebe-se, pois, que os homossexuais estiveram presentes nos espaços da cidade do Rio de Janeiro desde seus primeiros tempos. Aos poucos novos espaços foram sendo conquistados, seja nas festas de carnaval, seja pela presença dos travestis nas tradicionais ruas da Lapa, ou então no charmoso bairro de Ipanema,

onde o público gay marca presença tanto nas areias do Posto 9 quanto nos bares da rua Farme de Amoedo.

Apesar da liberdade existente em certos espaços, há ainda lugares onde os gays não são, exatamente, bem-vindos. Os estádios e as quadras de futebol parecem estar nesse rol de lugares onde a homossexualidade não tem vez. Ou pelo menos não tinha.

Quando André Machado, o fundador do *BeesCats*, teve a ideia de reunir amigos pra jogar futebol, mesmo ciente da importância do seu ato, talvez não tivesse pensado na dimensão que este projeto iria ganhar. Em pouco tempo, as quadras de futebol *society* do Clube Guanabara, às sextas-feiras à noite, foram recebendo a presença de um público antes impensado para o espaço, tornando-se um ponto de encontro para o público gay não apenas da zona sul do Rio de Janeiro, mas de bairros mais distantes e até da vizinha cidade de Niterói, uma vez que os atletas do time foram divulgando a ideia para amigos e esses amigos foram chamando outros amigos, a partir de suas redes. E então, mais do que um encontro para uma partida de futebol, às noites de sexta se transformaram num dia de encontro social para o público gay, tendo o futebol como motivador para esse encontro.

Aos poucos o espaço foi ficando pequeno. O time foi crescendo e com o surgimento de campeonatos para times gays, como a Taça Hornet da Diversidade, em São Paulo e a 1ª *Champions Ligay*, no Rio de Janeiro, o futebol descontraído das sextas-feiras começou a ser insuficiente. Era preciso fortalecer o time, para que fosse possível se destacar nos campeonatos que começavam a acontecer. Para isso, o time começou a se encontrar também às quartas-feiras à noite, no Aterro do Flamengo, nas tradicionais quadras de esporte administradas pela Prefeitura do Rio de Janeiro.

A ocupação desse espaço começou timidamente, mas aos poucos o time foi ficando conhecido e recebendo convite para amistosos. No ano de 2018, o time passou a integrar a Liga de Futebol 7 Society do Rio de Janeiro, tendo sido o primeiro time gay a participar dos campeonatos municipais, realizados no Clube Pau Ferro, no bairro da Freguesia, zona oeste da cidade do Rio.

Figura 3 – André Machado, ao centro, ao lado de outros atletas e da musa Bárvarah Pah: a transformação de um espaço antes destinado ao público heterossexual



Fonte: frame do filme “Soccer Boys”

A partir do surgimento do *BeesCats*, outros times gays começaram a se formar na cidade do Rio de Janeiro. Ainda no ano de 2017 surgiu o *Alligaytors Esporte Clube*, considerado o primeiro time inclusivo da zona norte do Rio, com sede no bairro de Oswaldo Cruz. Em seguida, no ano de 2018, surge o *Karyokas Fut7*, que treina no bairro de Deodoro, na zona oeste da cidade (LIGAY NACIONAL DE FUTEBOL, 2021). No último campeonato, ocorrido em 2020, o *BeesCats* não participou da Liga de Futebol 7 Society, mas na disputa estão três times gays, o *Alligaytors* e as equipes A e B do *Karyokas* (LIGA DE FUTEBOL 7 SOCIETY DO RIO DE JANEIRO, 2021).

A partir do cenário atual, pode-se deduzir que a luta iniciada pelo *BeesCats* vem conquistando espaços e ganhando novos adeptos, abrindo espaço para o surgimento de outros times, não apenas de homens gays, pois outro exemplo importante que merece ser citado foi a criação do *BigTBoys Futebol Club*, primeiro time de homens trans da modalidade de futebol 7 do Rio, ocorrida no ano de 2019 (LIGAY NACIONAL DE FUTEBOL, 2021). Esse movimento tem levado a luta contra o preconceito para locais da cidade onde antes ela não chegava, ressignificando estes espaços.

Ao se aproximar o movimento LGBT+ e suas expressões culturais do universo do futebol, que também possui expressões culturais específicas, evidencia-se um importante potencial de democratização dos espaços urbanos ligados a estes fenômenos sociais. Ser gay ganha novos contornos, a partir do empoderamento do movimento LGBT+ ao conquistar espaços que antes lhes

eram negados. Ainda há, obviamente, muito a ser transformado, mas ostentar o orgulho de ser gay em uma partida de futebol já é possível.

Com relação ao documentário realizado, tanto as imagens quanto as falas dos atletas revelam as dimensões que o movimento tomou. Os times, que inicialmente se concentravam no eixo Rio-São Paulo, foram se expandindo para as capitais de outros estados e ganhando cidades do interior. O colorido dos uniformes dialoga com a diversidade de cores, símbolo da bandeira do movimento gay. O nome das equipes trata com ironia termos que muitas vezes são usados de forma pejorativa, como o Bhabixas, time de Belo Horizonte; mistura termos de duplo sentido como o Capivaras, de Curitiba; ou faz associações com elementos da história local, como o Maragatos, de Porto Alegre, que ao utilizar a gíria “mara”, comum no meio gay, associado ao termo “gato”, usado para designar um homem bonito, faz referência ao grupo revolucionário que encabeçou a Revolução Federalista, ocorrida em terras gaúchas entre os anos de 1893 e 1895. Os Maragatos dos finais do século XIX faziam oposição ao governo conservador. A luta contra o conservadorismo parece continuar com os herdeiros do nome.

Entre outros elementos retratados no filme, pode ser citado o número 24, ostentado na camisa do goleiro do *BeesCats*, que ressignifica o uso do número, usado como demérito ou ofensa aos gays e quase nunca utilizado por nenhum clube brasileiro em jogos oficiais.

A alegria e a descontração presentes na abertura do campeonato filmado leva para dentro das quadras de futebol society características desse movimento que insiste em se manter alegre e descontraído mesmo que leve em conta as tantas adversidades que enfrenta. Flávio Amaral, um dos atletas do time, faz uma reflexão sobre a importância do ato de se participar de um campeonato de futebol com foco na diversidade:

Entrar em campo pra gente é um ato de resistência, é um ato de militância, é um ato político. E pra gente é importante demais, até pelas questões pessoais, daqueles que abandonaram o futebol em algum momento e hoje estão podendo retomar o contato que está cada vez mais positivo e mais frutífero com o esporte. (...) Que seja mais um passo este campeonato, de muitos passos que serão dados na direção de mais inclusão, de mais representatividade, de mais respeito no esporte, dentro e fora de campo (informação verbal extraída do documentário citado).

No campeonato retratado no documentário *Soccer Boys*, a Taça Hornet, o *BeesCats* não consegue levantar a taça de bicampeão. A vitória, porém, parece não estar no título em si, mas na possibilidade de participar de um campeonato onde é possível ser gay e jogar futebol, sem por isso ser xingado ou ofendido. Em um plano simbólico do filme, no pescoço de um dos atletas da equipe *Meninos Bons de Bola*, um time formado por homens transexuais, talvez a mensagem que mais importe nessa luta: em letras maiúsculas, a tatuagem do atleta traz a palavra AMEM, e logo em seguida, a seguinte mensagem “sem acento, para amar mais”. Uma frase que carrega um grande significado quando se busca a luta pela igualdade de direitos, em uma sociedade que insiste em se revelar desigual.

Considerações finais

Um plano no final do documentário *Soccer Boys* mostra os atletas reunidos ao lado de convidados para a festa do primeiro aniversário do time, ocorrida em maio de 2018. A imagem ilustra a fala de um dos entrevistados do filme: “É uma voz que não vai calar mais. A gente chegou num lugar que é nosso por direito”.

Figura 4 – A celebração de um ano do *BeesCats*: uma vitória importante no campeonato contra o preconceito



Fonte: frame do filme “Soccer Boys”

A fala simboliza o triunfo em uma partida, mas o campeonato ainda tem muitos jogos pela frente. André Machado, o fundador do time, fala sobre o objetivo que ele enxerga no movimento. Para ele o futebol gay, como se constitui hoje, não tem um fim em si próprio. O objetivo não é criar e fortalecer um tipo de futebol específico para o público gay, mas sim que essa necessidade deixe de

existir com o passar do tempo e a inclusão seja algo natural: “é um legado para que, em 15 ou 20 anos, o futebol gay não exista mais”.

A fala simboliza o triunfo em uma partida, mas o campeonato ainda tem muitos jogos pela frente. André Machado, o fundador do time, fala sobre o objetivo que ele enxerga no movimento. Para ele o futebol gay, como se constitui hoje, não tem um fim em si próprio. O objetivo não é criar e fortalecer um tipo de futebol específico para o público gay, mas sim que essa necessidade deixe de existir com o passar do tempo e a inclusão seja algo natural: “é um legado para que, em 15 ou 20 anos, o futebol gay não exista mais”.

Além dos times gays, que ganharam força através da Liga formada, a Champions Ligay, outros movimentos crescem no país. Recentemente, foi criado o Observatório Nacional da LGBTfobia no Futebol, que funciona através de um site que recebe denúncias:

A ideia é que ele funcione como um canal de ouvidoria. No site, os torcedores podem deixar seus dados, registrar o episódio e enviar provas (caso as tenham). Estas informações serão compiladas periodicamente e entregues ao Superior Tribunal de Justiça Desportiva, ao Ministério Público e demais órgãos competentes (O GLOBO, 2020).

A ideia inspirou-se em outra atitude bem sucedida, o Observatório da Discriminação Racial no Futebol, criado em 2014, e conta com apoio de torcidas organizadas, como a torcida LGBT+ do Cruzeiro, conhecida como “Marias de Minas” e também de clubes como o Paysandu, que passou a imprimir o nome social nas carteiras dos sócios que assim solicitarem. Outros dois clubes, Bahia e Internacional, possuem diretorias específicas relacionadas à questão da diversidade e se comprometeram a desempenhar atividades junto ao Observatório (OBSERVATÓRIO DA LGBTFOBIA NO FUTEBOL, 2020).

À medida que estes movimentos acontecem, a sociedade se transforma. O futebol, considerado como veículo para dramatizações sobre a sociedade brasileira (DAMATTA, 1982), não pode permanecer alheio a essa transformação. E quando a luta contra a homofobia chega às quadras e estádios de futebol, mais uma vez o esporte reitera a sua importância enquanto elemento central da nossa cultura. Dessa forma, faz todo o sentido o pensamento de DaMatta, quando afirma que o futebol é capaz de expressar nossos problemas enquanto nação.

A bola está rolando e o time joga para ganhar. O campeonato, porém, está apenas em suas primeiras rodadas.

Referências bibliográficas

- ABREU, Regina. A capital contaminada: a construção da identidade nacional pela negação do “espírito carioca”. In: LOPES, Antônio Herculano (Org.). **Entre Europa e África**. A invenção do carioca. Rio de Janeiro: Top Books, 2000.
- COSTA, Leda; HELAL, Ronaldo. As Faces da Heroína. Narrativas do jornalismo esportivo sobre Marta. In: KESSLER, Claudia; COSTA, Leda; PISANE, Mariane. **As mulheres no universo do futebol brasileiro**. Santa Maria: Editora UFSM, 2020.
- COSTA, Leda; VOGEL, Carlos Guilherme. Club de Cuervos: orgulho, preconceito, poder e fama no futebol. **Recorde**, Rio de Janeiro, v. 12, n. 1, p. 1-19, jan./jun. 2019.
- DAMATTA, Roberto. **Universo do Futebol**. Esporte e Sociedade Brasileira. Rio de Janeiro: Pinakothek, 1982.
- FIGARI, Carlos. @s outr@s cariocas. Interpelações, experiências e identidades homoeróticas no Rio de Janeiro: Séculos XVII ao XX. Belo Horizonte: Editora UFMG; Rio de Janeiro: IUPERJ, 2007.
- GASTALDO, Édison Luis. et al. Futebol, Mídia e Sociabilidade: uma experiência etnográfica. **Cadernos IHU Ideias**, Unisinos, São Leopoldo (RS), ano 3, n. 43, 2005.
- HELAL, Ronaldo. Futebol e Comunicação: a consolidação do campo acadêmico no Brasil. **Comunicação, Mídia e Consumo**, Escola Superior de Propaganda e Marketing, São Paulo (SP), ano 8, vol 8, n. 21, 11-37, mar. 2011.
- HELAL, Ronaldo. **O que é Sociologia do Esporte**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1990.
- HELAL, Ronaldo; COSTA, Leda Maria. Sociologia do Esporte: temas, pressupostos e situações do campo. In: FAZZI, Rita de Cássia; LIMA, Jair A. **Campos das Ciências Sociais: figuras do mosaico das pesquisas no Brasil e em Portugal**. Petrópolis: Vozes, 2020.
- LIGA DE FUTEBOL 7 SOCIETY DO RIO DE JANEIRO. Apresenta informações gerais sobre a liga. Disponível em <<https://www.societycarioca.com.br/>> Acesso em 15 Fev. 2021.
- LIGAY NACIONAL DE FUTEBOL. Apresenta informações gerais sobre a liga. Disponível em <<https://www.ligaybr.com.br/>> Acesso em 15 Fev. 2021.
- MEIO & MENSAGEM. Recordes e a sensação de que nada será como antes. Copa do Mundo feminina tem maior alcance midiático da história e, de quebra, amplifica a voz da luta por equidade de gênero. 8 Jul. 2019. Disponível em <<https://www.meioemensagem.com.br/home/midia/2019/07/08/futebol-feminino-recordes-e-a-sensacao-de-que-nada-sera-como-antes.html>>. Acesso em 21 Out 2020.
- MOSTARO, Filipe Fernandes Ribeiro; HELAL, Ronaldo George; AMARO, Fausto. Futebol, nação e representações: a importância do estilo “futebol-arte” na construção da identidade nacional. **História Unisinos**, São Leopoldo (RS), v.19(3), 272-282, set./dez. 2015.

O GLOBO. Torcidas LGBT+ criam canal para denúncia de ataques preconceituosos no futebol. 4 Set. 2020. Disponível em <<https://oglobo.globo.com/esportes/torcidas-lgbt-criam-canal-para-denuncia-de-ataques-preconceituosos-no-futebol-24622979>>. Acesso em 24 Out. 2020.

OBSERVATÓRIO DA DISCRIMINAÇÃO RACIAL NO FUTEBOL. Apresenta informações gerais sobre o observatório. Disponível em <<https://observatorioracialfutebol.com.br/>>. Acesso em 24 Out. 2020.

OBSERVATÓRIO DA LGBTFOBIA NO FUTEBOL. Apresenta informações gerais o observatório. Disponível em <<https://www.torcidaslgbt.com.br/>>. Acesso em 24 Out. 2020.

PINTO, Maurício Rodrigues. **Pelo direito de torcer: das torcidas gays aos movimentos de torcedores contrários ao machismo e à homofobia no futebol**. 2017. 126 f. Dissertação (Mestrado em Ciências) – Escola de Artes, Ciências e Humanidades, Universidade de São Paulo, São Paulo (SP), 2017.

SOCCER BOYS. Direção de Carlos Guilherme Vogel. Rio de Janeiro: Lilian Diehl Produções, Canal Futura e Peleja Filmes, 2018. Digital, son., color.: 14 min.